

Do sentido do tempo ou da impossibilidade de sentido¹

Emília Rodrigues Araújo*

Introdução

Pretende-se com este texto realizar uma pequena incursão na dimensão do “tempo para mim” relacionado com o tempo “escolhido” (Foucauld, 1996)² e algo identificado com o “tempo para viver”. Procura-se fazê-lo a partir da conceptualização dos estilos de vida e da problemática da fluidez temporal entre “privado” e “público”, característica de algumas actividades profissionais. Suportamos o texto na revisão de literatura e na análise de conteúdo temática de entrevistas realizadas a docentes universitários. A estrutura da comunicação assenta em três pontos: (i) crítica das tipologias sobre representações e usos convencionalistas e pioneiros do tempo; (ii) detecção das principais dificuldades na operacionalização destes conceitos e (iii) breve esboço teórico acerca do polémico estatuto do “tempo para mim”.

“The concept of lifestyle absorbs the growing importance of time references in the conduct of modern life. The development of subjective elements in the constitution of identity is accompanied by greater personal requirement for time. Individual cultivation, individualisation processes and identity management require time, not simply as a quantum, as a sufficient amount of time, but also in a qualitative sense, as subjectively meaningful time. Individualisation in the form of differentiation between personal time options and social-system time standards. Members of society become increasingly more aware of their subjective time, which cannot be reduced to the systems times of the functional systems. They see themselves as people who each have their own past and future, their own present, their own ways and means of handling future opportunities, their own forms of experience time, and their own forms of time management” (Horning, 1995:47).

1. Incursão teórica no sentido do “tempo para mim”

Na Sociologia, a discussão do “tempo para mim”, da vivência e construção subjectiva do tempo, impõe equacionamentos importantes no *sentir* e nos *sentidos* do tempo entendido como fenómeno social, regido por um *ritmo* (Mauss, 1974; Durkheim, 1985) que é contínuo e descontínuo, mensurável e inscrito numa *duração* (Bergson, 1972) qualitativa por via da pertença social (Gurvitch, 1964), da memória individual e social, da natureza dos fins das instituições e do teor das actividades que constituem o seu “conteúdo” (Sorokin et Merton, 1990).

No seguimento desta teorização geral, entende-se como o “tempo para mim” surge como tempo individual, expressivo da individualidade do sujeito e, assim, socialmente afirmativo e distintivo. Trata-se de um sentido que, de algum modo, afronta a própria evolução ocidental, “civilizada”, do tempo “privado”, não acessível ao(s) outro(s). O resíduo do “tempo para mim”, resguardado, contido e secreto,

¹ Utiliza-se a palavra “sentido” tendo em conta a dualidade paradoxal que encerra.

* Assistente na Universidade do Minho – Departamento de Sociologia.

** Este texto integra-se no projecto de tese de doutoramento da autora a decorrer e constitui a base de um artigo a publicar posteriormente no qual são apresentados dados provenientes de entrevistas realizadas.

² O tempo escolhido, “temps choisi”, aparece nos estudos de Foucauld (1996) que o relaciona com as práticas de flexibilidade favoráveis ao indivíduo e à administração da sua vida privada.

concebia-se como potencialmente egoísta, impróprio e improdutivo, qual reserva para dormir, qual direito para sonhar, classificações que muito dizem em relação ao lugar e à natureza e hierarquia dos papéis sociais, de forma especial sexuais e geracionais.

A admissão pública actual do “tempo para mim” surge como *distinção* que demarca os “estilos de vida” *pioneiros* dos *convencionalistas* (Horning, 1995). Por isso, apresenta-se, nos seus usos, representações e expressões como provocação relativamente aos esquemas tradicionais de valorização de cariz ascético e da ocupação temporal imposta pela industrialização, onde o tempo de trabalho é imperativamente dominante/estruturante (Giddens, 1995). Pelo menos pelo discurso, insere-se num outro tipo de “ambiência social” (Maffesoli, 1994) um outro tipo de imaginário social (Weil, 1992) que quebra a “ditadura” (Jarrouson, 1993) do próprio tempo e que reaviva a procura da identidade, da segurança do “mim” (Giddens, 1997) do questionamento do *sentido* da vida, dada a morte (Óliva, 1996), do *sentido* da “sociedade” (Foucauld, 1996), das suas (des)igualdades e percursos (Castoriadis, 1981)

“Time is not a line but a dimension, like the dimensions of space....you don't look back along time but down through it, like water. Sometimes this comes to surface, sometimes that, sometimes nothing. Nothing goes away”(Atwood, 1988)

1. *Estilo Convencional e Estilo Pioneiro*

O tempo em sentido sociológico, dimensão central do “estilo de vida” em virtude de ser o “lugar” privilegiado de consumo, de jogo simbólico de distinção, na esteira de Bourdieu e Veblen, é tradicionalmente concebido a partir da sua integração num esquema dualizado em “tempo de trabalho” e “tempo livre”, considerando que este se demarca, ainda, do tempo de lazer (Elias, 1992). Uma concepção entrincheirada no pensamento binário, essência “monótona” (Elias, 1992) da racionalidade, gaiola de onde parecia (parece?) não haver saída, qual desencanto de Weber e de tantos outros³.

Tanto o debate teórico, que marcou uma profunda interdependência entre a Economia e a Sociologia e se estruturou na base de críticas cortantes ao valor do tempo na modernidade, expressas em correntes de acentuado pendor neo-marxista, como as práticas concretas dos usos temporais estiveram historicamente ligados à natureza da “articulação” entre tempos “ocupados” e “livres”.

Trata-se, contudo, de uma articulação “fictícia” que supõe um esquema temporal cognitivo de carácter abstracto. Neste, o tempo está à mercê de um pensamento também desdiferenciador do *natural* e do *cultural*, que muito deve à abstracção e quantificação daquilo que é temporal, adstrito a um “domínio publico” e o “livre” a um “domínio privado” (Nowotny, 1992). Aí, o tempo é *objecto*, é *lugar*, material, tangível e imediato, tal é lógica da divisão técnica do trabalho, quase

³ Recordo aqui a cena de um filme que aparece com uma mensagem extremamente cortante da modernidade onde o tempo é sobretudo velocidade. Trata-se do filme “Há Festa na Aldeia” de Jacques Tati. Colocando de lado qualquer pretensão de crónica cinéfila, vale esta referência para elucidar, na figura do carteiro, personagem central, a estranha e quase compulsiva troca do tempo concreto, isto é, a entrega da correspondência *ao longo do tempo* com paragens nos caminhos e mercearias, pelo tempo americanizado, *moderno*, isto é, a entrega da correspondência *no tempo*. Nesta troca, esvai-se o tempo do carteiro sobre a bicicleta, assume-se a prioridade do tempo desta sobre o apetite “do copo” na tasca da aldeia...e aí está a troca do tempo escolhido, pelo tempo heterodeterminado.

exterior ao *sujeito* (assim *sujeito* à “estranha” temporalidade”, ainda que também a *sujeite*). Se fizermos “evaporar” esta “articulação” de modo a que ela não signifique reunião de opostos mas união numa escala contínua e no mesmo sentido, temos uma visão bem mais rica e complexa sobre o tempo e, em especial, sobre o modo como está entranhado de forma fluída no *Ser* (Heidegger, 1980) por um processo mais ou menos consciencializado.

Significa admitir que, apesar da preponderância do sentido “exterior” e reificado do tempo, a sua divisão em “privado”, “público”, “livre” ou “ocupado”, tipicamente funcionais, nunca foi muito mais do que um artifício “sistémico” e “arrumado”. Quer isto dizer que tempo é elemento fundamental constituinte do quadro interpretativo e accionário da realidade, o que vale assumi-lo também como uma categoria como refere Kant. Por isso, diz muito sobre o designado *sujeito*, suas aspirações e expectativas, suas visões do mundo e da vida, tanto na sua concepção como no seu uso. A esse nível, e à falta de um termo mais próprio, consideramos essencial relevar a forma como, progressivamente, a escuta desse tempo se torna admitida em público no que toca, neste caso, ao “tempo para mim”, dimensão interna do tempo, do seu significado pessoal que denuncia a forma como o indivíduo estrutura e atribui significado à relação com o meio *natural* e *social*.

Neste exercício de demarcação, o “tempo para mim”, dimensão carregada de subjectividade, “extraído” da relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre, e mediador dos seus “conteúdos”, engloba algo mais do que a “quantidade” de tempo “pessoal”, dedicado a si, à esfera fisiológica, psicológica e sexual, entre outras. Coexiste com as normas temporais da sociedade industrial, como a falta de tempo, a aceleração e a mobilidade mas abrange a relação do indivíduo com o ciclo de vida, a história, a “ambiência social” e a ecologia (Chesneaux, 1995). Nesse sentido, integra, na linha dos teóricos do lazer e do tempo livre, uma atitude mental e emotiva, uma visão do mundo, um “estado de espírito”⁴. Por isso, entrelaça-se conflitual e de forma ambivalente no tempo “de trabalho”, “livre” e, entre outros, “familiar”. Enquanto dimensão bastante privatizada, mas publicamente expressa, implica reflexão sobre as (des)valorizações profundas do trabalho/lazer, prazer. Reflexão que funda, a partir da utilização do estilo de vida como configurador da ambivalência entre subjectividade e objectividade⁵ num plano dinâmico, uma teorização particularmente interessante sobre dois modos de entender a vivência do tempo: o estilo de vida *pioneiro* e o *convencional* demarcado ao nível da “nova classe média”, designadamente profissionais liberais, independentes e trabalhadores de serviços de acesso, tratamento e difusão de informação cujas actividades profissionais se caracterizam por uma elevada flexibilidade temporal.

Trata-se, de todo o modo, de uma teorização de carácter vincadamente interaccionista, construtivista e estratégica pela suposição da possibilidade alargada de “escolha” da parte do indivíduo. Um pensamento concertante com a intensa valorização actual da realidade a partir das perspectivas da fragmentação, contingência e desestruturação, centradas no estudo das margens, das *ongoing* identidades e da aceitação da “sociedade capitalista avançada” como narcísica, à procura de si, profundamente individualizada, consciente d(n) o efémero, diferente e, nada paradoxalmente, intensa, uniforme, normalizada e restritivamente grupal, seguindo de perto Maffesoli. É o “estrangeiro” (Simmel, 1990), o “passageiro” (Augé, 1994) que regressa como metáfora e tonifica a *sociedade D. Quixote* pela promessa

⁴ PAIS, J. Machado, “Vida como aventura: uma nova ética do lazer?”, *Actas do Congresso Mundial de lazer*, Instituto de Ciências Sociais da universidade Nova de Lisboa, pp.99-110.

⁵ O “tempo para mim” será aí um *quantum* invisível e não mensurável de tempo que resta da junção/dissociação do mundo objectivo e subjectivo que configura um estilo de vida.

da autenticidade e do encontro da fé para os que já não a têm, no resguardo (ilusório?) do controle sobre o privado admitido em público.

É assim que, contra a convenção, reagem os “pioneiros” tipicamente “pós-modernos”, cujos usos temporais se caracterizam por um sentido quase metafísico do tempo: é a felicidade, a procura de si, que adquire centralidade, tal como a sua posição no universo, no seu tempo de vida, na centralidade do “que vale a pena”, a Alice deste lado do espelho, na sua manifestação em espaços - tempos liminares permanentemente em transição, característica da sociedade “passageira” de Giddens (1995). Aí evidencia-se um conflito entre duas visões sugestivas da vida⁶ porque, pela sobrevalorização do tempo “livre”, o sentido económico do tempo seria ultrapassado pelo sentido *identitário*, ideia expressa em Giddens e herdeira da visão da temporalidade “aberta” de Ernst Bloch (1977).

O “estilo” pioneiro é um “estilo” em que o tempo “ocupado” o é por convenção vale como meio de auto-realização, mas tem, em paralelo, um sentido eminentemente instrumental. O *pioneirismo* patenteia, em termos teóricos, de forma declarada, a assunção de Giddens (1995) do conceito de estilo de vida e, na mesma linha, desce à quimera real da autenticidade e da resolução do espaço - tempo individual cujo resguardo se deixa à vontade do indivíduo (pela criação de maior ou menor grau de acessibilidade a cada um dos espaços- tempos) cada vez mais liberto dos *destinos* de classe. (Featherstone, 1991; Rodrigues, 1992) Como refere Horning (1995), a vivência de um estilo de vida pioneiro relativamente ao tempo implica a assunção do carácter extraordinário das novas possibilidades temporais abertas pela flexibilização, por isso, aqueles que dela beneficiam enfatizam a singularidade da sua situação, o que faz transparecer uma certa arrogância. O facto de se acharem tão diferentes dos colegas que trabalham em regime temporal rígido é visto como um privilégio⁷.

O centramento no corpo, na saúde, no bem-estar e no belo, é fulcral porque medeia essa relação do indivíduo com o seu tempo de vida, com o tempo histórico e marca em definitivo, práticas não convencionais que, por vezes, e no caso do desporto, traduzem um elevado desafio em termos de risco assim como, nada paradoxalmente, valorizam o fechamento e a vivência do simples e prático espaço doméstico e das formas de lazer de carácter mais passivo. A preocupação com a compensação temporal das diversas esferas e a necessidade de separação tempo – espaço, mediada pelo jogo dos géneros, é ínfima quando o cuidado com os filhos, os idosos, o consumo e as práticas de lazer, não são consideradas, *enquanto tais*, como conteúdos do “tempo para mim”. Só o serão na medida em que mostrarem a essência deste: a sua não programação, não ocupação prévia, e também, o seu tónus prazeroso, de surpresa, de aproveitamento de oportunidades mas, sobretudo, de escolha individual.

“Vous opposez sans cesse les " modernes " aux " archaïques ". Modernes seraient la mondialisation, le grand marché européen, la fin de l'exception jacobine, la suprématie de l'économique sur le politique. Permettez-moi de vous faire remarquer que votre modernisme date de 1890, et d'un évolutionnisme d'école primaire. Vous faites vôtre ce temps linéaire utopique qui se figure le Progrès comme une suite d'acquis continus et croissants, un chemin de fer qui va du local au global, et du conflit à l'harmonie. Avec des

⁶ No original: “Tempo come denaro e tempo come identità sono al tempo stesso due modi di percepire, due visioni suggestive della vita, due modelli di organizzazione del lavoro” (Callini, 1995:141).

⁷ No original: “time pioneers are those who are more inclined to emphasise the exceptional and extraordinary character of the new arrangements (...) stress the singularity of their flexibilization, displaying a “tincture of arrogance”. The fact that they are so markedly different from their full-time colleagues is a situation, which they regard as a privilege” (Horning, 1995:47)

gares intermédiaires où souffler un moment, avant de " reprendre la marche " vers le grand espace euro-atlantique et, en attendant, vers l'Union européenne radieuse de demain" (Debray, 1997:6).

As vivências assentam, assim, num imaginário de ecológica ambivalência e de dilemas emocionais que se entranham em decisões como ter filhos (*porquê?*), mudar de casa (*porquê, o que me vai custar?*), mudar de emprego para ganhar mais (*vale a pena abdicar de tempo livre nesse sentido? Quero isso realmente?*). De qualquer forma, o fundamental neste "estilo", pese embora a admissão da inércia estruturante do *habitus*, é a possibilidade de escolha. Dela decidem os indivíduos, sobre ela ajudam a decidir os psicólogos e psiquiatras, confessionários do privado, do bem-estar individual, ainda que efémero, ainda que titubeante.

A definição di-lo: o estilo de vida convencional caracteriza-se por valorizar o tempo na sua dimensão concreta, mensurável, *fetichizada*. A imperiosa e ansiosa "ocupação" do tempo é central, portanto, mesmo o tempo livre nunca o será. Do mesmo modo, o tempo de lazer é pensado com ascetismo, embora, aparentemente, realizado com prazer. Trata-se, afinal, de um estilo de vida marcado pela necessidade de planeamento da ocupação do tempo. Neste grupo, a ideia de *ter mais* tempo livre justifica-se pela necessidade de *ter mais* tempo para actividades culturais, cuidado com os filhos e com os idosos ou, simplesmente, desempenhar outras funções remuneradas ou associativas. Até mesmo o lazer é planeado e pensado em termos da sua ocupação temporal e, por isso, vem a sofrer dos mesmos males da rigidez e da sincronização excessivas (Baudrillard, 1995). Tal como explicita Horning (1995:47), os convencionalistas não entendem a flexibilização como algo extraordinário, mas como algo muito semelhante a outras formas de trabalho como o tempo parcial que, sabe-se, desencadeia na prática, efeitos perversos.⁸

O ponto central é que a contraposição pioneiros/convencionalistas nos coloca frente a frente com a detecção do tempo social dominante e sua abrangência. Neste plano, remete para as teses dominantes sobre as vivências e valorizações fluídas da pós modernidade que, se por um lado, idolatram o indivíduo como corolário da modernidade, também permitem, por outro, que o reduzam a uma plasticidade perigosa suposta pela pluralidade imensa de alternativas e modelos em conflito.

2. Contraponto e Dissociação

"We live and die rationally and productively. We know that destruction is the price of progress as depth is the price of life, that renunciation and toil are the prerequisites for gratification and joy, that business must go on, and that alternatives are Utopian. This ideology belongs to the established societal apparatus; it's a requisite for its continuous functioning and part of its rationality" (Marcuse, 1986:145).

A hipótese base permanece: o tempo em termos quantitativos e qualitativos é sempre propício, do ponto de vista social, a seriação e a hierarquização. E a distinção convencional / pioneiro tem implícita uma sobrevalorização do segundo em relação ao primeiro desde o momento em que este é enunciador de estilo de vida "evoluído" e "ecológico", hedonista, em contraponto a uma consideração excessiva

⁸ Na versão inglesa: "time conventionalists do not regard flexibilization as anything unusual (...) Shorter hours do not all appear extraordinary". Na prática, "the term shorter hours has connotations which are identical to those of part time employment, in other words, to those of conventional reductions in working time, something which is practised by fairly large group of employees and which is prevalent throughout the employment sector" (Horning, 1995:47).

do tempo de trabalho, da carreira e do próprio consumo. No entanto, ainda que partilhemos da intensidade da escolha individual na génese e vivência de um determinado estilo de vida, linha para a qual apontam as mais recentes investigações a propósito dos “estilos de vida”, tal distinção merece ser completada com o peso de factores altamente condicionantes e, por vezes, incontornáveis, que estruturam a possibilidade desses *kits* ou “arranjos” temporais e que sustentam a ideia de que existe uma inconsistência entre a crescente valorização da individualização (dade) do tempo “interior” e a premência de um modelo de organização social do tempo de carácter quantitativo e solícito de controlo colectivo. Tal constatação justifica *sim*, a denominação do “pioneirismo” enquanto super valorização dos espaços - tempos privados “para mim”, *mas* com cariz algo ideológico⁹.

É imprescindível a retoma de uma perspectiva mais estrutural onde a importância da sorte sobressai relativamente à escolha. Nela, o estado de espírito do “tempo para mim” existe como um resíduo do tempo de trabalho e do tempo livre e a sua representação e uso expressam posições no(s) campo(s) social(is) (a tónica assenta nas características temporais implicadas na actividade profissional) e, igualmente, (des)privilégios em termos de género, raça e etnia, modeladores do estilo de vida.

É este reparo que solicita o manuseamento de um conceito referido anteriormente: o de *acessibilidade* espacio-temporal (Zerubavel, 1981). Apesar da força da vontade, do poder individual ser cada vez maior na possibilidade de converter capitais, é a amplitude da acessibilidade e a natureza do poder subjacente à determinação desta que definem, em termos concretos, as fronteiras, ainda que ténues, da “adopção” (in)voluntária de um estilo de vida pioneiro ou convencional. Daí considerar a sua análise no interior de um mesmo grupo social, podendo para tal, denominarem-se estratégias auto e hetero determinadas. O que está em causa é o conflito entre a manifestação de uma (in)competência de utilização e representação do tempo e as (im)possibilidades concretas de concretizar essa (in)competência. Tal ideia supõe, ainda, dar especial relevo à distinção, no fundo simbólica, entre práticas congruentes e não congruentes, i.e., entre “ser-se aquilo que se pensa” e “pensar-se aquilo que se é” e vice-versa, o promove o discurso das “formas de se dizer” os usos e representações do tempo ao estatuto de objecto de estudo privilegiado, face às formas de o “fazer”.

Desse modo, a detecção da génese e amplitude da acessibilidade temporal dos indivíduos, na dimensão explicitamente subjectiva, implicada numa “trajectória temporal”, porque imbuída em relações de poder estruturantes, solicita centrar a atenção tanto nos valores considerados dominantes *num determinado período histórico*, como nas formas cristalizadas de valorização do tempo (tempo-sistema) *ao longo* da história (incorporados num *habitus*). Exige, ainda, circunscrever e atender às formas e valorizações do tempo-espaço ao nível micro, em especial no que se refere às organizações de trabalho e às formas de jogar (às vezes, ideologicamente) com as acessibilidades propostas pelas instituições (e que formam subsistemas temporais, intermediários e reprodutores imediatos do tempo dominante).

Este entendimento impele, obrigatoriamente, à análise dos “estilos” na própria fronteira contraditória entre, por um lado, a valorização no quotidiano, do tempo económico (industrial ou de serviços) que se considera dominante e, por outro, a sinalização cada vez mais acentuada do “tempo para mim”, isto é, de um exercício

⁹ No original: “L’inconsistenza dei valori e de la segmentazione dei tempo sociali porte ad una forte “individualizzazione del tempo come tempo interior e di conseguenza ad una ideologia del l’individualità che si sostituisce come elemento forte all’inconsistenza dei valori collettivi” (Monjardini, 1989:42)

de “distanciamento” *do* tempo. O mesmo é dizer, entre o *ali*, onde se passam as acções quotidianas, se definem estratégias e se demarcam posições (a família e suas negociações de papéis, a organização de trabalho e definição de regularidade e *timings*, a “cidade”, a “aldeia”) e a realização do “tempo para mim” que, se efectivada, marca um diferencial muito forte ao nível da hierarquização e posição no espaço social e organizacional, o que o torna constituinte do domínio “público”.

Desse ponto de vista, grande parte dos pressupostos distintivos do *convencional* ou do *pioneiro* tornam-se ilusórios, assim como as reflexões sobrevalorizantes do *pionerismo* quando a temporalidade institucional, económica (tal e qual reificada), social e organizacional impõem normas precisas sobre a utilização e valorização do tempo, que estão desfocadas e, por vezes, contradizem as teses dominantes da valência e supremacia da escolha sobre a oportunidade. O jogo das acessibilidades, da definição de privacidade nos tempos-espacos de trabalho e nos tempo-espacos livres, é Hirschemiano: entre alternativas e hipóteses semelhantes e normalizadas, escolha nula, o jogo da voz, da saída, encurralam-se na lealdade, opcional ou *opcionalmente* obrigatória (Mercure, 1995). Tudo traduzido num conflito intra- individual em que a própria linguagem é pobre, está muito presa ao sentido “ocupado” de tempo, i.e., não “faculta” termos expressivos da dimensão “vazia”, contemplativa do tempo, afinal a acepção que traduz esse “tempo para mim” e que, ao fim e ao cabo, caracteriza grande parte dos *quantuns* de tempo das nossas acções (visíveis e invisíveis) diárias.

Assim sendo, a pertinência da detecção do *convencional* ou *pioneiro*, suas vivências e referenciais simbólicos, encontra-se na análise de um grupo aparentemente homogénio em termos de posição no espaço social, cultural e económico. Apesar da dificuldade na selecção de tais grupos, potencial e efectivamente abrangidos pela flexibilidade temporal no exercício das suas actividades profissionais, a relevância explica-se quando justapomos à ideia do jogo das oportunidades, as teses sobre a quase impossibilidade de filtrar estilos de vida diferen(tes)ciais. Teses de algum modo “confortáveis”, suportadas em alguns movimentos inegáveis na efervescência da sociedade de serviços e da informação: a crescente possibilidade e rapidez na conversão de capitais; a heterogeneidade das práticas de consumo e a multiplicidade *kit* das estratégias de mobilidade social.

Num verdadeiro exercício de paroxismo, só o esforço de as rebater (integrando) permite detectar distinções classificativas na percepção/utilização do tempo, pressupondo o posicionamento do indivíduo num *trajectória temporal* que (se)configura diferentemente (n)as maneiras de viver a sua *passagem*, e, muito especialmente naquilo que nos interessa aqui, do poder de alargamento/restricção da privacidade do tempo (o reenvio às abordagens da estratificação social é nítido), i.e., do domínio do “tempo para mim”, esteja ele em que esfera estiver. Trata-se, por isso, do *trajecto* de um passado/presente/futuro que se medeia claramente pelo entrelaçamento de trajectos/projectos *pessoais* e *profissionais* onde sobressai a participação e o lugar nas redes de conhecimento e de informação. Deste ponto de vista, a utilização do modelo “convencional”/ “pioneiro” é operacional desde que extraiamos e separemos, no universo que nos interessa, as variáveis de carácter estrutural, onde a pertença social (e, dentro dela, a profissão e as suas características temporais) é central e “contingencial”(a democratização do consumo) de forma a justificar a existência e utilização das várias práticas de acessibilidade que tornam ou não possível o exercício do “tempo para mim”.

3. Algumas anotações finais

Relevando os desenvolvimentos fulcrais da Física e da Filosofia, interessa-nos

inscrever o “tempo para mim” do ponto de vista sociológico. Nesse sentido, é interessante notar como a medida da sua evolução é a medida da “civilização” do sentimento e da motivação, a medida da privatização do espaço e do tempo, a medida da progressiva individualização e retorno ao *sujeito*.

Noutro plano, típica reflexão pós moderna, é a medida da reacção ao tempo linear e Prometaico da modernidade, afinal, também redenção da excessiva valorização fetichista de um público demasiado ocupado, quantificado, comesinho, quotidiano e esmagador da desejada “autenticidade” privada inserta, de forma geral, na esfera da família e outros grupos restritos: uma espécie de tribalismo depositário da (im)possibilidade da esquizofrenia e da alienação do estrangeiro ambivalente, caminhando pelo real objectivo, a marca denunciativa da impessoalidade mas também da bem aventurada globalização, perante a qual chocam tamanhas linguagens silenciosas(adas) e diferenciadas(is) que catapultam a psicologia e a psiquiatria para os lugares de pesquisadoras e atenuantes do narcisismo, “decerto egoísta, decerto apenas incerto”, do conflito do indivíduo consigo próprio, do corpo, da sexualidade, da afectividade, do “seu” tempo, no trabalho, no lazer e no prazer. Em suma, o tempo da sua vida real: a aceitação da morte, da degenerescência na fronteira da intensidade efémera da vivência do presente, o reencontro mimético e assumido com a natureza, o culto das culturas incivilizadas, qual prazer pela evocada virgindade indígena da rogada civilização ocidental, laboradora e oradora de um capitalismo novo: imaginário legitimado, mediado por uma urbanidade intensamente rural, imaginário de poder total sobre o seu (não agora) destino: a reversibilidade do “vale tudo” invade o espaço e o tempo, de forma irresponsavelmente umbilical e desigual no bem estar. Tudo isto em que sentido? Quando “ a nossa sensação do tempo é, de algum modo, mais elementar do que, por exemplo, a nossa sensação da orientação espacial ou da matéria. É uma experiência interna, mais do que uma experiência corpórea. Especificamente, sentimos a *passagem* do tempo, uma sensação que é tão pronunciada que constitui um dos aspectos mais elementares da nossa experiência” (Davies, 1988).

Referências Bibliográficas

ATWOOD, *Cat's eye*, Toronto, McClelland and Stewart, 1988, p.3 in Margaret Olson et al, "The multiple "i's" of teacher identity" in Michael Kompf et al (org), *Changing reseach and practice: teachers professionalism, identities and kowledge*, Falmer Press, 1996, p.81.

AUGÉ, Marc, *Não-Lugares : introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand , 1994.

BACHELARD, Gaston, *La dialectique de la durée*, Paris, Presses Universitaires de France , 1972.

BAUDRILLARD, Jean, *A sociedade de consumo*, Lisboa, Edições70, 1995.

BERGSON, Henri, *Durée et simultanété*, Paris, Presses Universitaires de France , 1992.

BLOCH, Ernst, *Le principe espérance*, Paris, Gallimard, 1977.

CALLINI ,D., "Tempo, individuo e organizzazione", *Sociologia del Lavoro*, nº58, Milão, Franco Angeli, 1995, p.141.

CASTORIADIS, Cornelius, *La montée de l'insifnificance*, Paris, Seuil, 1981.

- CHESNEAUX, Jean, *Habiter le temps*, Paris, Bayard, 1996
- ADAM, Barbara, *Timewatch: the social analysis of time*, Oxford, Polity Press, 1995.
- DAVIES, Paul, *Deus e a nova física*, Lisboa, Edições.70, 1988.
- DEBRAY, Régis, " Post-scriptum à un ami moderne" in *Le Monde Diplomatique* , Mai 1997, p. 6, <http://www.monde-diplomatique.fr/1997/05/DEBRAY/8227.html>
- DURKHEIM, Emile, *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*, 7^a Edição, Paris, Presses Universitaires de France , 1985.
- ELIAS, Norbert, *A busca da excitação*, Lisboa, DIFEL, 1992
- FEATHERSTONE, Mike, *Consumer culture and postmodernism*, Londres, Sage, 1991.
- FOUCAULD, Jean baptiste et al, *Une société en quête de sens*, Paris, Odile Jacob, 1996.
- GIDDENS, Anthony *Contemporary critic of historical materialism*, 2^o edição, London, Macmillan Press, 1995.
- GIDDENS, Anthony, *Modernidade e identidade Pessoal*, Oeiras, Celta, 1997.
- GURVITCH, Georges, *The spectrum of social time*, Reidel, 1964.
- HEIDDEGER, Martin, *El ser y el tiempo*, Mexico, Fondo de Cultura Económica , 1980.
- HORNING, Karl et ali, *Time Pioneers, flexible working time and new lifestyles*, Cambridge, Polity Press , 1995, p.17.
- JARROUSON, Bruno, *Briser la dictature du temps*, Paris, Maxima, 1993.
- LASCH, Christophe, *The culture of narcissism: american life in the age of diminishing expectation*, USA, Warner Books, 1979.
- MAFFESOLI, Michel, "L'ambience Social" in Patrick Tacussel (org), *Le reenchantement du monde. La méthamorphose contemporaine des systèmes symboliques*, Paris, Harmattan, 1994.
- MARCUSE, Herbert, *One dimensional man*, Londres, Ark paperbacks, 1986, p. 145.
- MAUSS, Marcel, *Sociologia e antropologia*, São Paulo, Editor Pedagógica e Universitária , 1974.
- MERCURE, Daniel, *Les temporalités sociales*, Paris, L'Harmattan, 1995.
- MONJARDINI, Carlo, "Il problema del tempo nella società contemporanea" in Carmen Belloni, (org) *Tempo spazio attore sociale*, Milão, Franco Angeli, 1989, p.42.
- NOWOTNY, Helga, *Le temps à soi: genèse et structuration d'un sentiment du temps*, Paris, Maison des science de l'homme, 1992.
- OLIVA, August, "Time and the individual in the contemporary world: the meaning of death" in Sously Fraser (org), *Dimensions of time and life*, USA, Library of Congress, 1996, pp.229-239.
- PAIS, J. Machado, "Vida como aventura: uma nova ética do lazer?", *Actas do Congresso Mundial de lazer*, Instituto de Ciências Sociais da universidade Nova de Lisboa, pp.99-110.
- RODRIGUES, Walter, "Urbanidade e novos estilos de vida", *Sociologia- Problemas e*

práticas, nº 12, 1992, pp.91-107.

SIMMEL, George, "Digression sur l' étranger" in Grafmeyer et al (org), *L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*, Paris, Aulien, 1990, pp. 53-49.

SOROKIN, Pitrim et MERTON, Robert (1937), "Social-time: A methodological and functional analysis", *American Journal of Sociology*, Vol.42, pp.615-29 in John Hassard, (org.), *Sociology of Time*, London, MacMillan, 1990, pp.56 – 66.

WEIL, Pascale, *À quoi revent les années 90*, Paris, Seuil, 1992.

ZERUBAVEL, Eviatar, *Hidden Rythms*, University of Chicago, Chicago Press, 1981.